

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

A DISCURSIVIDADE DO @: ESPAÇO, SENTIDO E SUJEITO

Cristiane Dias

Universidade Federal do Pampa (UNICAMP)

A discursividade e a materialidade são dois conceitos importantes em Análise de Discurso e que estão ao mesmo tempo interligados pela não-transparência da linguagem. A palavra em si, como sabemos, não traz um sentido nela mesma, mas na sua discursividade. Para compreender, no entanto, essa discursividade, é preciso se deparar com a materialidade da língua. É preciso compreender que a matéria prima da palavra é a ideologia, a historicidade, o modo de individuação do sujeito, a determinação social, a prática política, tudo isso é matéria prima da discursividade. A palavra tem forma e matéria e é no discurso, que relaciona a materialidade da língua e a da história, que podemos compreendê-la. A forma como a sociedade contemporânea se mostra através de diferentes linguagens, é efeito de um processo de significação do mundo que tem uma discursividade específica, um modo de inscrição histórica dos sentidos e dos sujeitos, que tem, portanto, uma materialidade. Materialidade do sujeito e do sentido. Daí considerarmos que nesse processo de significação do mundo há um modo de constituição do sujeito que é parte da discursividade, é parte do modo como os efeitos da língua inscritos na história produzem um sentido ao mesmo tempo em que esses efeitos constituem um sujeito, já que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo. Assim, a discursividade constitui-se da materialidade da língua, da materialidade da história, da materialidade do sujeito. É a partir dessa tríade que proponho para esse simpósio traçar uma reflexão sobre as discursividades contemporâneas ao mesmo tempo em que um retorno ao “a mais” na teoria da Análise de Discurso, proposto por Pêcheux (A Língua Inatingível, 2004) em relação ao real da língua de Milner (O Amor da Língua, 1987), a saber, o real da história, me leva a pensar hoje num “a mais, ainda”, proposto por Orlandi (Vídeo: A Noção de Materialidade, 2008), em relação ao real da língua e ao real da história, a saber, o real do sujeito. Isso porque, no meu entender, não é possível pensar a discursividade sem compreender a materialidade que a constitui e não é possível compreender a materialidade sem remetê-la ao real. Assim, meu intuito é refletir a respeito da discursividade das redes (de sentidos). O

eletrônico (e-), em palavras como: e-books, e-cidadania, e-learning, e-busines, e-gov, e assim por diante, marcam na própria materialidade da língua a inscrição histórica, sócio-política do discurso das redes. Para refletir sobre o modo de funcionamento do e- no discurso das redes, e sobre o modo como ele está inscrito numa discursividade outra, vou partir da palavra e-urbano, para mostrar como a materialidade da língua inscreve o dizer numa outra discursividade e isso se dá pela materialidade da história. Para tanto, vou analisar imagens de propagandas publicitárias e reportagens das revistas *Época* e *Galileu*. Essas imagens publicitárias mostram a constituição do sujeito contemporâneo através de sua experiência do espaço urbano. Através da análise dessas imagens mostrarei, portanto, uma certa homogeneidade conceitual da sociedade dada por essa arquitetura do eletrônico, uma vez que compreendo que a cidade se modifica em função do e-, que há uma resignificação da própria sociedade em função de instrumentos tecnológicos que fazem parte do nosso cotidiano, como os celulares, os quais instituem uma nova forma de relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o espaço e com o mundo.